

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ (ICESPI)

SEVERINO FÉLIX DOS SANTOS

MORTE: CONDIÇÃO ESSENCIAL DA VIDA HUMANA

TERESINA

2016

SEVERINO FELIX DOS SANTOS

MORTE: CONDIÇÃO ESSENCIAL DA VIDA HUMANA

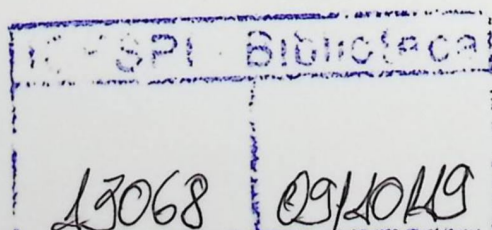
Trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Filosofia apresentado ao Instituto católico de estudos superiores do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Filosofia.

Orientadora: Ms. Elenir Filgueredo da Silva

Cod. 5810
100
5237m
Ex. 04

TERESINA

2016



SEVERINO FÉLIX DOS SANTOS

MORTE: CONDIÇÃO ESSENCIAL DA VIDA HUMANA

Trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Filosofia apresentado ao Instituto católico de estudos superiores do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Filosofia.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Ms. Elenir Filgueira da Silva

Ms. Cristiano Batista de Moraes

Dr. Eudoxio Soares Lima Verde

AGRADECIMENTOS

A Severina Maria da
Conceição *in memória*, minha Mãe, a
Manuel Félix dos Santos, meu Pai e
a Marcelo meu mano pelas
intempéries e alegrias
compartilhadas no processo de
retorno à casa.

A Magda, Lúcia, Maria e Maria Paula amigas da infância
com as quais compartilhei alegrias, tristezas, sonhos, projetos e
conquistas ao longo da vida.

A outorgação da "Carta de Autorização de Uso de Imagem"
Agostino Carvalho da Silva que me deu todo apoio necessário para
a realização.

Aos tantos outros amigos que não seria possível citar e a todos que
não sou eu nem é o texto, mas o Espírito e o Trabalho. Quero de todos agradecer
todo sentido da vida humana e do meu amor de Maria. Obrigada.

AGRADECIMENTOS

Os meus sinceros agradecimentos antes de tudo à minha família cujo apoio moral e afetivo é indispensável no transcurso da vida.

A minha professora e amiga Tina a quem devo parte significativa de minha formação para filósofo.

Ao Professor Padre Amadeu exemplo de pessoa humana que não mediu esforços de me orientar nesta caminhada que sendo árdua se tornou prazerosa. Ele foi a principal motivação e inspiração na minha reflexão sobre ética.

A Magno, Nilfrânio, Melo e Mirela Furlim amigos para além da ICESPI, com os quais compartilhamos alegrias, agonias, intempéries, percalços e conquistas ao longo da caminhada.

A congregação dos Missionários Combonianos na pessoa do padre Agostino Carvalho da Silva que me deu todo apoio necessário nesta empreitada.

Aos tantos outros sem os quais não seria possível viver, e Aquele que não sou eu nem é o outro, mas o Grande e Totalmente Outro de onde advém todo sentido da vida humana e do para além da morte. Obrigado.

RESUMO

A morte é condição essencial da vida humana porque dela o ser humano independentemente da filosofia de vida que defenda não pode jamais se isentar. O nosso objetivo principal foi trazer presente esta temática tão relevante à maturidade e profundidade humanas. Segundo Kant filosofar não é nada mais que aprender a morrer. O mundo moderno e capitalista tem com freqüência ignorado as realidades essenciais da vida. Nas palavras de Karl Rhaner tem absolutizado o relativo e relativizado o absoluto. Assim tem feito com o amor, a fé, Deus e a morte, sobretudo. No capítulo primeiro apresentamos uma visão geral da morte no horizonte de toda filosofia, destacando os principais filósofos que discorreram sobre este tema. No segundo ancorados em Jorge Trevisol apresentamos a temática da angústia como questão indissociável do ser moral. No terceiro capítulo trouxemos a contribuição de Hannah Arendt a respeito da morte, destacando, sobretudo a problemática da "facticidade" e no quarto e último capítulo fizemos uma viagem com Jean Paul Sartre naquilo que ele pensou e sistematizou referente a este assunto, dando ênfase à "nadificação" conceito principal cunhado por nosso filósofo para falar na experiência da morte. E assim nossa reflexão foi se efetivando, como disse Roberto Crema se quisermos ter uma sociedade saudável haveremos de colocar no currículo escolar a disciplina "tanatologia". Porque quem perdeu o medo da morte perdeu todos os medos.

Palavras chaves

Morte, angústia, facticidade, nadificação.

ABSTRACT

Death is the essential condition of human life because from her, the human being independently from life philosophy which he or she defends, they can't be free from death himself or herself. Our main goal is to bring for today this theme which is so relevant to human maturity and depth. Based on Philosopher Kant, this is not only more than to learn to die. The modern and capitalista world frequently has ignored the facts which are essential for life. On Karl Ranner's words, he himself has emphasized the "relative" and the "absolute". With love, faith, God and death, the same thing is done. In the first chapter, we have presented a general vision about death in the horizon of all philosophy, pointing out the main philosophers who deal with that theme. In the second one, based on Jorge Trevisol's sayings, we deal with the theme related to anguish as not sociable base of moral human being. In the third, we brought the contribution of Hannah Arendt related to death, pointing out above all, the question of "factuality" and the fourth and last chapter we really floated in Jean Paul Sartre's imagination whose thoughts sistemize that point or subject, giving emphasize to "nothingness", main concept dealt with by our philosopher to talk about the experience of death. And thus, our reflection was being efected, as said by Roberto Crema: 'If we want to have a healthy society, we need to put the subject of "thanatology" in our school curriculum. As those who have no more afraid of death, have no fear of something.

KEYWORDS: death, anguish, factuality, nothingness

SUMÁRIO

Introdução:.....	10
Discurso sobre a Morte no horizonte da Filosofia:.....	13
O ser mortal como ser angustiado:.....	22
Fundamentação da morte segundo Hannah Arendt:.....	27
Fundamentação da morte segundo Jean Paul Sartre:.....	32
Conclusão:.....	35
Bibliografia:.....	39

INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo-materialista encontramos muito mais delegacias do (PROCON) do que centros de defesa da vida e dos direitos humanos, noutras palavras, diria, num mundo onde o valor da pessoa consiste enquanto é produtora e consumista dos produtos comerciais. Numa sociedade alienada sob a neurose do ativismo exacerbado e palmilhado de robotização, evolução tecnológica, pela fragmentação do ser em essência ao ser em potência, onde o culto ao deus-corpo faz crescer empresas de cosméticos, silicone, musculação e das drogas de alto valor, visando mudar a estrutura advinda da própria natureza, em detrimento do abandono nefasto, dos mais profundos valores espirituais, transcendentais, religiosos, democráticos e humanos, atinamos a importância dessa posição: falar da morte é talvez o meio mais eficaz para superar um dos maiores problemas de um ser caracterizado pelo materialismo doentio e a angústia.

Tendo acenado a esse ponto, agora, pois, gostaria de dizer que embora não pretendendo dar respostas exaustivas no que concerne ao discurso sobre a morte no horizonte da Filosofia; - isso por vários motivos: em primeiro lugar, porque falar da morte é um imenso desafio à diversidade de ideias, pensamentos e respostas contraditórias que giram em torno dela, em segundo, porque da morte não se tem experiência pessoal, dela comentamos a partir da morte de nossos pais, amigos e parentes, em terceiro e último lugar, porque a morte por natureza já parte de um dos maiores problemas, ou porque não dizer, do maior problema da existência humana; é em torno dela que gira toda espécie de dor, sofrimento, desequilíbrios, medo, ansiedade e, sobretudo angústia; o ser humano diante da morte fica de modo totalmente descontrolado, fora de si – mesmo assim, não deixarei jamais de aprofundar, na medida do possível as questões que julgo ser de fundamental importância.

O trabalho é composto de três capítulos. No primeiro, procurei falar da morte partindo daquilo que disseram os filósofos que estiveram durante três meses de pesquisa ao meu alcance – desde os epicuristas, estóicos, passando pelos medievais mais ilustres: Agostinho, Aristóteles, Platão e Tomás de Aquino, e por fim chegando aos filósofos existencialistas Heidegger, Simone de Beauvoir, Marcel, Sartre e Hannah Arendt e concluindo com a concepção de morte adotada no século XXI.

No segundo capítulo, trato da morte de forma bastante franco e, sem circunlóquio fazendo considerando a respeito do ser humano como ser angustiado diante da morte. Aqui vale ressaltar que, em se tratado da morte seria quase que impossível, segundo a filosofia existencialista, tratar, pensar e conviver com a morte sem que seja preciso arrostar a angústia. “A angústia se distingue do medo, porque o medo é medo dos seres do mundo, enquanto a angústia é angústia diante de mim”.

No terceiro capítulo procuro fazer um aprofundamento do tema partindo da posição que Hannah Arendt e Jean Paul Sartre assumiriam; tanto em sua filosofia, pensamento, idéia, posicionamento, como também diante das incompreensões daqueles que desejavam refutar sua posição, numa palavra, seguiriam durante toda a sua vida.

Agora, considero de extrema importância levantar alguns questionamentos que nos ajudarão a refletir melhor sobre a problemática da morte, sem ter a pretensão, em hipótese alguma, de respondê-los. As perguntas serão feitas por duas razões principais: primeiro, porque existem diversos pontos que não serão abordados neste tema devido a sua amplitude e complexidade. Segundo, porque todo homem confrontado com a iminência da morte pode ser levado a formular todos os tipos de questões: existenciais, morais, espirituais, etc. Qual o sentido da vida? Haverá transcendência? Qual o devir do meu ser? Como proceder perante o absurdo do luto, do desgosto, do desespero? O que responder àqueles que perguntaram por quê? Àqueles que entrevado, dependente, com o corpo deteriorado – perguntam a si mesmo que sentido poderá ter a prolongação da vida? Que significa o mal? Existe, de fato liberdade? Faz sentido falar da morte em nosso mundo materialista, obcecado pelo progresso tecnológico e aterrorizado pela violência? Como ser tão culto e

intelectual e permanecer de forma alheia, inconsciente diante da morte – nossa certeza absoluta? Como fugir daquilo para o qual não há saída? Como agir quando em nossa porta a morte bater? O que fazer quando já não há nada a fazer? Não seria através da aceitação, aproximação e compreensão da morte como condição que se encontra no âmago do ser humano que poderíamos descobrir o verdadeiro sentido da vida? Onde é que, atualmente, a questão do sentido poderá expressar-se? Onde podemos encontrar respostas convincentes? Como será possível preparar a própria morte, vivê-la como sujeito em um mundo que a nega? Não seríamos mais felizes se chegássemos a superar esse tabu da morte? Como superar a nossa angústia num mundo em que – segundo Albert Camus – “O homem é a única criatura que se recusa a ser o que ela é”?

Em síntese, o presente trabalho também não anseia apresentar num estudo da morte partindo de uma posição da fé, da religião, do cristianismo, mas busca compreender e aprofundar, de modo sério, objetivo e metodológico o que dizem os nossos mestres do pensamento sobre essa, quer a concebam ou não, como possibilidade indispensável de uma vida além da morte, como certa vez disse belamente o poeta Goethe: nascer para morrer ou morrer para, de fato, nascer? E em fim, jamais poderia, desde já, procurar mostrar a importância e necessidade de estudar a morte – porque ela é a condição essencial por excelência da vida humana, mistérios inevitáveis, inigualáveis, inalienáveis e inadiáveis de todo ser que um dia teve a sorte de nascer. Como nos disse sabiamente Platão: que “filosofar é aprender a morrer”. Sobre isso Montaigne foi magnífico ao afirmar: “Quem ensinasse os homens a morrer, os ensinaria a viver”. Sêneca continuou: “A primeira hora de vossa vida é uma hora a menos que tereis de viver”. E concluiu Manílio: “nascer é começar a morrer; o último instante de vida é consequência do primeiro”. Disse tudo isso para provar que a morte é parte integrante de nós mesmos, ela entra na própria organização do universo e é filosoficamente falando o desaparecimento ou cessação inexorável, imperdoável... da existência humana.

DISCURSO SOBRE A MORTE NO HORIZONTE DA FILOSOFIA

Aqui não pretendo tratar da morte de modo exaustivo, mas aproveitar do pensamento de cada filósofo que estiver ao meu alcance para aprofundar esta questão. A morte é a condição mais próxima de nossa realidade humana, e, ao mesmo tempo questão mais difícil de ser estudada. São vários os argumentos que comprovam essa verdade: primeiro porque ela está inserida nos maiores problemas e dores da vida humana, que por si mesma é bastante para tanto sofrimento. Em segundo lugar porque dela é preciso falar sem ter uma experiência, isto quer dizer que ninguém que a experimentou pode vir nos falar dela. Imaginamos ser a dor da morte tão incalculável, que a ela não resistimos, coração, respiração, cérebro... todas as forças e energias vitais cedem lugar a ela. E, em terceiro lugar, pela diversidade de respostas contrastantes e contraditórias que giram em torno desta temática.

Além dessas três primeiras observações a respeito da morte, em nosso estudo, que deseja ser sério, objetivo e fundamentado nos diversos filósofos estudados, pretendo levar em consideração mais três questões que a meu ver são fundamentais :

- a verdade incontestável de que todo homem está condenado à morte
- esta realidade é própria do ser dotado de consciência, autotranscendência na ordem do espírito e da personalidade
- que independentemente da fala de experiência da morte ao falarmos dela, ela não escapa de nosso conhecimento. Dela temos, na verdade, dupla consciência indireta; a primeira nos é oferecida da visão das pessoas que morreram; a segunda, a nossa consciência de que toda vida é, na sua essência condicionada à morte. Sobre isso, alguém chega perto de Sócrates e declara: "Os trinta tiranos condenaram-te à morte". Com tremenda sabedoria, respondeu o filósofo: "Eles já o foram por natureza".

Agora, julgo oportuno, uma breve colocação referente à definição do termo "morte".

A morte de uma forma bastante ampla, isto é, no mais universal possível, significa cessação do processo vital em organismo vivo. No estudo da chamada biologia molecular, a morte é conceituada como a dissolução da estruturação molecular necessária para o fenômeno da vida. Agora do ponto de vista filosófico, mas também na linguagem ordinária, uma definição bastante familiar da morte seria aquela que diz que “a morte é a separação da alma do corpo” (MONDIN, 1990, p. 307).

Esta última definição da morte é a que nos interessa. Aqui não pretendo fazer uma reflexão a respeito da morte a partir de uma visão religiosa, o que diz a fé, o cristianismo a respeito da morte. Não nos interessa encontrar repostas nesse sentido. Basta tão e somente fazer uma investigação da morte partindo daquilo que pensaram desde os mais antigos aos mais contemporâneos de nossos filósofos., embora que no meio deles possamos encontrar resquícios de religião, o que não vai prevalecer sobre o nosso discurso.

No decorrer da história da filosofia, muitas vezes os pensadores tratavam explicitamente a respeito da morte e da mortalidade da alma, mas a questão esta na raiz de toda a filosofia e, mesmo quando não se discute diretamente sobre a morte, ela se situa no horizonte de toda a reflexão filosófica. É nesse sentido que ilustríssimo Platão afirma ser a filosofia, nada mais que uma meditação da morte, neste mesmo contexto diz Montaigne que “filosofar é aprender a morrer”. Isto em outras palavras quer dizer que a pessoa que aprende a pensar, usar adequadamente suas capacidades intelectuais para defender-se e defender os outros e os direitos inalienáveis da vida: a justiça, a liberdade, a privacidade, o respeito ao diferente, a democracia, em nosso caso...ela ao mesmo tempo está se expondo ao perigo, as ameaças dos grandes que desejam ardentemente que o dominado jamais consiga dominar o que os dominantes dominam para os dominar, manter escravizado, presos, numa palavra, em dependência total de seu poder. Filosofar é morrer aos poucos porque cada dia vamos abrindo mãos daquelas ideias, concepções ou pensamentos que julgávamos ser os mais corretos e ideias para darmos lugar ao novo, ao diferente. Fazer nascer ou renascer em nós o homem novo.

Martin Heidegger, filósofo existencialista confessa que o homem é um “ser-para-a-morte”. O existir humano consiste no lançar-se contínuo

às possibilidades, entre as quais se encontra justamente a situação-limite representada pela morte, a qual possibilita o olhar crítico do homem sobre o cotidiano. O homem deve fazer tudo como que seja pela última vez, ou que sendo algo de demorado, tenha ele a consciência de que pode começar e jamais acabar, porque antes de ser para a realização de seus desejos, de ser transcendente. Ele é, indubitavelmente falando um ser-para-a-morte (ROVIGHI, 1990, p. 397).

O autor de *O ser e o tempo*, fala do homem autêntico para designar aquele que sabe com serenidade enfrentar a angústia que vem da situação de morte e assume para valer a construção da vida. O homem inautêntico é aquele que vive constantemente fugindo da angústia, refugiando-se na impessoalidade, negando a característica de transcendência preferindo viver de acordo com aquilo que os outros fazem para não sair do convencional. E é exatamente este homem inautêntico que não quer, não procura e não aceita a morte como condição na qual a vida não é nada mais que uma ininterrupta caminhada para ela. E quando acontece de falar da morte, isso se faz como se fosse um acontecimento genérico, longínquo e impalpável. A impessoalidade faz com que o homem permaneça tranqüilo e alienado, confortando-o e instalando-o num universo sem indagações. Há recusa de refletir sobre a morte como um acontecimento que nos atinge pessoalmente.

Uma outra concepção de morte encontramos em Sartre, filósofo existencialista, mas que quando assim era tratado costumava repudiar esta denominação. A concepção de morte com uma diferença bastante significativa daquela que outrora usara Heidegger.

Enquanto o autor de *sein und zeit*, via a morte como algo que dá sentido a vida, o autor de *O ser e nada*, a concebe como a certeza e a confiança de que temos da morte nos rouba toda à espécie de sentido da vida. Sartre chega à conclusão de que a morte é um louco absurdo e simultaneamente, a vida, que neste sentido não vai além de uma "paixão inútil".

É um tremendo absurdo poder saber que uma só realidade é capaz de anular por completo toda a nossa possibilidade de realização, de sonhos e projetos anelados, projetados individual ou socialmente sob a luz da vontade, de esforços, inteligência

humana, que desde os primeiros suspiros que damos na terra, nada que por mais que nos ame, nos pertença, seja essência ou própria do homem como: família, racionalidade, sexualidade, nenhuma condição nos persegue tão radical, é tão certa quanto a morte. É por isso que segundo Sartre a liberdade do homem é tão condicionada e limitada.

Enquanto Sartre diz que o homem é condenado a ser livre, no sentido que esta liberdade é perseguida, escravizada, manipulada pela morte. Spinoza insiste na posição de que o homem livre deve até mesmo cancelar da mente o pensamento da morte: *"homo líber de nulla re minus quam de morte cogitat: et eius sapientia non mortis sed viate meditatio est"*.

Visão mais limitada da vida, partindo da morte, nos é oferecida por Hegel, ele considera a morte como o fim do ciclo da existência individual ou finita, pela impossibilidade de adequar-se ao universal: *"A inadequação do animal à universalidade é sua doença original e germe inato da morte. A negação desta inadequação é o cumprimento de seu destino"*.

Battista Mondin diz claramente que para Freud a morte é concebida como instinto próprio de todo ser vivo. Segundo o Pai da Psicanálise o instinto é definido como *"uma pulsão inerente à vida orgânica – para restaurar um estado pretendente de coisas que a entidade viva orgânica a abandonar sob a pressão de forças exteriores e de distúrbios"*. Tendo em vista que a vida é organizada de uma substância de um mundo inorgânico, é sua tendência natural retomar e essa mesma substância inorgânica. Mas o que mais nos interessa aqui para melhor compreensão é que: aquela tensão originada em certo sentido no que era substância inanimada tende a desaparecer-se no e seu lugar surge, assim, o primeiríssimo instinto-aquele de retomar ao estado inorgânico, o instinto de morte. Daí aquela questão que todos já estamos conscientes ou se não, deveríamos o quanto antes nos familiarizar dela: há na própria vida uma tendência de abolir a vida ou, a negar o tempo, a anular a duração. Todo ser que aparece está indubitavelmente condenado a desaparecer.

Mesmo se estamos com saúde e, aparentemente, longe de momento de nossa própria morte, não deixa de ser verdade que somos todos habitados por um

sofrimento ontológico: o de saber que somos todos mortais e que nada podemos contra a morte – certeza absoluta.

Aqui aparece Nietzsche, que de posição contrária à de Freud concebe a morte como a possibilidade de liberdade humana por excelência.

A morte não representa a antítese, se bem a mais alta expressão da vida: porque na morte o homem se demonstra vivo no mais alto grau, se se morre como se deve, não de morte natural dos covardes, mas da morte livre, que chega ao homem quando ele quer e como quer, da morte que ele mesmo se propõe. Quem morre assim é santo que diz não à vida, da qual atingiu o mais alto limite. Para o autor de “Assim falou Zaratustra, a morte possui imagem de embriaguez dionisiaca (LELOUP, 1990, p. 68).

Com Aristóteles embora seja um dos maiores pensadores de toda a história da filosofia e seu pensamento é indispensável à compreensão de um sistema que por si já é complexo demais; mesmo assim é lamentável saber que com toda a sua sabedoria e capacidade ele não consegue mostrar clareza na sua posição no que concerne a morte, na se sabe se ele representa ou não o fim de toda a realidade humana. Esse foi um dos pontos de sua filosofia mais discutido por vários séculos. Sabemos apenas que, segundo alguns de seus intérpretes, como no caso de Alberto Magno e São Tomás de Aquino, que ele, “teria concebido o intelecto agente como a faculdade pessoal, pertencente a cada homem individualmente e, portanto, teria afirmado a sobrevivência de cada alma particular depois da morte”.

Agostinho juntamente com Tomás de Aquino e uma série de pensadores cristãos encontraram no conhecimento intelectual um sinal de espiritualidade e dele tiraram um argumento a favor da imortalidade da alma. O autor de as Confissões deixou-nos nos Solilóquios uma famosa formulação deste argumento: “A alma atinge a verdade no conhecimento intelectual. Ora, enquanto sede da verdade, a alma é imortal do mesmo modo que a verdade”.

Tomás de Aquino confessa profundamente sua crença na imortalidade da alma. E para provar essa imortalidade o *Aquinate* recorre com bastante frequência a outro argumento que para ele seria indispensável – o do desejo natural que já vem incluindo

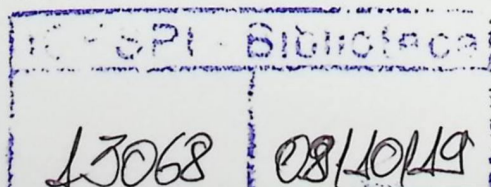
em cada vida humana – que seria o de não morrer, desejo esse que não pode de modo algum ser vão.

Segundo René Descartes a alma tem característica fundamentalmente espiritual e essa qualidade, por sua clareza está fora de qualquer dúvida que por acaso venhamos persuadir. E afirma com a mais severa possível segurança; que não existe nenhum argumento real sobre a sua imortalidade: “Não temos nenhum argumento e nenhum exemplo que nos persuada que a morte ou a anulação de uma substancia como o espírito deva seguir de uma causa tão leve como troca de figura, a qual não é se não um mundo, e ademais, modo do corpo e não do espírito... não temos nenhum argumento nem exemplo que nos possa convencer que haja substancias espirituais sujeitas a ser anuladas.

Com Kant surge a necessidade de reconhecer a imortalidade da alma como exigência essencial da mortalidade. A razão prática ensina ao homem que o caminho para conjugar a sua vontade à lei moral. A novidade que, aqui nos interessa é que antes de Kant a maior parte dos filósofos acreditava firmemente na imortalidade da alma, depois dele a maior que diz a ciência. Porque para ele seria grande desafio tomar uma posição sobre qualquer um assunto sem recorrer a ela; essa por sua vez via no problema da morte uma condição da miraculosa e maravilhosa fábrica humana desaparecer sem deixar mais nenhum sinal de si mesma: a morte é o fim do homem na sua totalidade e não apenas do corpo como rezam alguns pensadores.

Em todos esses exemplos e em outros que citaremos mais à frente, concebe-se por morte o falecimento do ser vivo. Aqui vale apenas reforçar que isso é em todo e qualquer ser vivo sem fazer referência específica ao ser humano. E diante da morte entendida sobre esse ângulo, a atitude filosófica mais possível é aquela que nos deixou o Epicuro: “Quando nós estamos, a morte não está; quando a morte está nós não estamos”. Também nesta mesma perceptiva falou Wittgenstein: “A morte não é um acontecimento da vida: não se vive a morte”.

Na sua sabedoria, certa vez disse Horácio: “marchamos todos para a morte; nosso destino agita-se na urna funerária; um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, o nome de cada um dali sairá e a barca fatal nos levará a todos ao eterno exílio”. Daqui



conclui-se mais uma vez que é uma pura ilusão recermos a morte. Somos gado encurralado para o abate, de muitos aguardam imperdoavelmente a nossa ameaça, como o rochedo de Tântalo.

Retomando o assunto, diz Lucrécio: A meta de nossa existência é a morte; é este o nosso objetivo fatal. Se nos apavora, como poderemos dar um passo à frente sem tremer? O remédio do homem vulgar consiste em não pensar na morte. Mas quanta estupidez será precisa para uma tal cegueira? Por que não coloca o freio no rabo do asno, desde que meteu na cabeça andar de costas? Não consigo entender o por que quê, para o homem falar de morte é sofrer dobrado. Sabemos que a dor, a pobreza, a alegria são acidentes aos quais está sujeita a vida humana, enquanto só a morte cabe a característica de condição essencial da vida de todo, se exceção, todo ser que um dia nasceu está para nascer. Quando dela tomarmos consciência e se tivermos algum bem nesta terra, a primeira coisa ao fazer, antes de qualquer outra ação que possamos julgar necessária ou mais urgente possível, é preciso preparar o nosso testamento. Ainda se tratando dessa espera constante da morte, nos lembra Horácio: "Pensa que cada dia é teu último dia, e aceitarás com gratidão àquele que não mais esperavas".

Numa sociedade palmilhada pelo orgulho, ganância pelo desejo exacerbado de cada vez possuir mais para derrubar humilhar os que possuem menos ou nada possuem- numa palavra, num mundo caracterizado pela desigualdade e vítima do consumo doentio que não conseguem dormir com a barriga vazia ou quando essa alguma coisa tem, não conseguem mais adormecer devido à preocupação com o que comer no dia seguinte, uma só coisa nos conforma: a morte. É Sêneca que nos oferece luz para pensarmos nisso: "Nenhum homem é mais frágil do que outro. Nenhum tem assegurado o dia seguinte". É a morte que nos nivela. Diante dela o maior homem que possa por ventura existir na face da terra é tão frágil e limitado quanto um simples pássaro a mira do caçador esfomeado.

Quais dos acontecimentos, fatos, histórias, seres, ação, espaço, tempo... será mais limitado que a vida à morte? Eis nós diante de algo que nos deixa completamente perplexos, atrapalhados, se com ela não aprendermos viver de fato. Somos tão

envolvidos dessa realidade inquestionável que, eu pessoalmente, temo profundamente não concluir essa palavra sobre a qual agora, neste exato momento me debruço a fazer. Já dizia Sêneca: "Porque, em tão curta vida, fazer tantos projetos"?

As pessoas que no itinerário de suas vidas agiram, pensaram como sendo elas seres eternos, inatingíveis pelo espetáculo da morte, quando chega à velhice, encontrando-se diante de uma grave enfermidade-incurável; vêem-se como que em pleno inferno, desvalidas, nuas, desprotegidas, expostas ao mais terrível do ridículo, tão ameaçadas quanto um simples filhote de antílope rodeado de leões ferozes de bocas abertas à espera que apenas o chefe do covil dê o primeiro bote para iniciar a sua refeição, marcada programada ou não. Daqui não há para fugir, jamais existirá um espaço onde quer que haja ser para alguém dela se esconder. Horácio nos ensina uma bela lição nesse sentido: "Sobrecarregar-te-ei os pés e as mãos de cadeias e, entregarte-ei ao mais cruel dos carcereiros. Um deus me libertará quando eu o quiser- esse Deus, penso eu, é a morte, a morte, termo de todas as coisas".

De todos os filósofos, nenhum, ao meu ver, foi tão feliz o quanto Montaigne quando disse certa vez que filosofar e aprender a morrer. Não será a vida algo mais que uma constante e interrupta espera da morte? É tarefa primordial da vida conduzir-nos à morte e vice versa. Na medida em que formos em vida estaremos sob as ameaças da morte. Novamente Lucrecio vem nos reafirmar isso que acabo de dizer de modo bastante decodificado e encantador: "Os mortais se emprestam mutuamente à vida... e a tocha que se transmite de Mao em Mao nas corridas sagradas. Sobre o mesmo sentido exclama o ilustre Sêneca: "A primeira hora de nossa vida é uma hora a menos que tereis de viver". E de modo bastante evidente e estarrecedor conclui Manílio: "Nascer é começar a morrer; o último instante de vida é consequência do primeiro".

Estudando e refletindo a partir de todos esses filósofos mencionados, desde Epicuro, os estóicos: Lucrecio, Cícero, Sêneca e Marco Aurélio, passando pelos realistas e, sobretudo o existencialista, observa que embora acreditando ou não numa vida após a morte todos eles viram na morte a condição atemorizadora, a realidade

instigante da vida humana. E não refletir sobre a morte seria um puro ato de ignorância e ter a ousadia no sentido depreciativo da palavra, de levar uma vida palmilhada na mediocridade e na superficialidade.

Mergulhado na reflexão filosófica a respeito da morte cheguei não a conclusões precipitadas, mas a ter dúvidas sobre a seguinte questão: afinal de contas o que seria mais importante – a vida ou a morte? Tal questão, à primeira vista, parece ser simples de responder, ou até mesmo considerada uma questão ingênua, superficial ou ainda; vista a partir de uma visão genuinamente religioso-cristão, o sujeito pode logo concluir: não tenho dúvidas que é a vida digna de toda a admiração, cuidado e respeito. É seguramente a vida. É a vida a última palavra. Não interessa aqui a minha posição sobre esta questão, apenas quero procurar dentro de minhas mais limitadas condições oferecer elementos que possam contribuir para uma reflexão. Ora, se a vida nos leva constantemente à morte e, por outro lado, segundo teorias e a concepção, sobretudo religiosa, também a morte nos leva à vida; afinal de contas, qual delas seria a mais importante?

Mas na tentativa de oferecer alguns elementos para a reflexão, quero apenas partir do argumento de que existem inúmeras situações que nos induzem A morte. Em todo momento, lugar, situação. Estamos certos da morte, enquanto a vida só até a hora que ela ainda não chegar. Seria a morte que “canta de galo” em nossa realidade eminentemente humana? Seria dela a última palavra? Estamos, pois diante da iminência da morte. Deveríamos viver ou preparar-nos para morrer com a esperança de que com essa voltaríamos outra vez a viver, mas viver de fato?

Andre Malraux dizia que o homem é o único animal que sabe que vai morrer. E toda a sua dignidade e grandeza como ser humano consiste em refletir sobre o sentido de sua vida, sendo este sentido encontrado na morte (LELOUP, p. 16).

O SER MORTAL COMO UM SER ANGUSTIADO

Considero relevantes algumas colocações ao tratar da problemática da angústia diante da morte, acho que essas, por sua vez, nos ajudarão a entender melhor o porque falar desse assunto.

É interessante ressaltar que seria impossível falar de morte mesmo que em outros sentidos, como religioso, por exemplo, sem fazermos alusão à angústia. A angústia e a morte caminham de braços juntos. E se quisermos viver longe da angústia, convém compreender, conviver e sobretudo aceitar a morte como a nossa mais íntima e real condição.

Trevisol 2000 trata de diversos conceitos da angústia: apresenta o conceito psicológico, teológico, antropológico, interdisciplinar e o filosófico. Aqui no interessa este último conceito de angústia

O verdadeiro conceito de angústia nasce no campo filosófico, onde esta não é mais considerada como aquele estado de ansiedade da pessoa que sofre diante de um perigo qualquer, como um estímulo especificamente identificável, mas como possível e necessária condição humana diante do mistério, trazida pelo fato de existir no mundo. A consciência do próprio ser finito diante das ameaças opressoras provenientes da possibilidade do não-ser manifesta-se no ser humano como angústia. Nesse sentido, esta é considerada por Tillich como dimensão ontológica do ser humano, isto é, "estado no qual um ser é ciente do seu possível não-ser, fruto das ambigüidades e incertezas que o lado finito da vida produz (TREVISOL, 2000, P. 81).

Como estamos tratando da morte numa perspectiva filosófica e através de um método existencialista, torna-se mais difícil, ainda, não darmos uma atenção significativa à angústia.

É raro o filósofo que, embora de uma maneira tímida, em seus discursos, escritos ou pensamentos não tenha tratado da morte e como já mencionei acima, também todos que trabalharam a morte foram de um modo ou de outro, convidados a refletir sobre a temática da angústia. Essa questão iremos encontrar de maneira mais profunda e constante nos filósofos existencialistas, desde Martin Heidegger, passando por Sartre, Merleau-Ponty, Simone de Beauvoir, como também outros filósofos que

não pertencem oficial ou hierarquicamente ao existencialismo, como no caso de Kierkegaard.

A angústia surge de uma questão aparentemente muito simples: ela está mergulhada nos espaços entre o desejo e o poder. O homem deseja profundamente ser eterno, mas quando olha ao seu lado percebe a impossibilidade, literalmente falando, desse poder. Há pessoas que desejam ser, por exemplo, um médico, artista famoso, político influente, rico poderoso... mas olhando ao seu redor dá-se conta da infinita lacuna, muitas vezes até impreenchível, existente entre seu querer alienado e a realidade concreta que a cerca. Eis aí, então a pessoa mergulhada no campo da angústia.

O homem é, por essência um animal, mortal, racional. Ser animal, mortal, racional são, em última instância, características fundamentais de um ser humano. E ser humano nesse sentido, significa, antes de tudo, ser eternamente angustiado. A primeira angústia do homem dá-se diante de sua humanidade inalienável, humanidade no sentido já explicitado anteriormente.

Pensar na morte é pôr-se diante da primeira certeza da vida. Falar da morte é talvez o meio mais eficaz para superar nossa angústia. Diz Santo Agostinho que: "o homem começa a ser na morte no momento em que começa a ser no corpo". Em outras palavras isso implica dizer que: há primeira hora depois de nosso nascimento é menos uma hora da vida que nos resta ser vivida. Jean Paul Sartre diz que a morte é a "nadaificação" de nossos projetos, dizendo de outra forma, seria ter a certeza de que um nada total está nos aguardando, de que com sua chegada tudo é posto a baixo. Resta o homem sozinho desprotegido, desvalido, exposto a cessação de seu mais belo dom, diante do aniquilamento total de seu ser.

Da morte ninguém está isento. Ela é a condição por excelência da vida humana, aquela que persegue o ser humano constante, incondicionalmente, enquanto as outras condições apenas o seguem. Diante da morte toda pessoa é nivelada, dela o ser humano não consegue jamais, escapar. Do mais novo nascido aos mais velhos cansado é o seu mais fiel acontecimento. Onde quer que vamos ou estejamos ela nos acompanhará e será mais cruel das formas de arrebatamento de nossa vida.

Querendo fugir da morte o homem cria diversas formas em vão, se estamos em casa a ela estamos sujeitos, se nos escondermos no deserto poderemos ser atingidos por um raio, se nos fecharmos num carro blindado poderemos ser surpreendidos por um fogo, se nos vedarmos dentro da mais segura casa poderemos ser pegos por um bandido perigoso, se não sairmos de casa temendo ser acidentados, poderemos quebrar o pescoço até mesmo de uma simples queda de nossa cama ou do banheiro, se tememos morrer de acidentes de transportes terrestres devido o trânsito, ou os péssimos tipos de estradas e, decidirmos então andar de avião morreremos mais facilmente de uma emboscada no ar. Quantas maneiras diversas em a morte de nos surpreender? Já dizia Horácio que o homem nunca pode chegar a prever os perigos que o ameaçam a cada instante. Sem imaginar as doenças, as febres, as pleurisias. Quem poderia imaginar que um duque de Bretanha fosse morrer sufocado pela multidão como aconteceu a um deles, no momento da entrada clemente em Leão do papa Clemente? Não vimos um de nossos reis morrer em folgado? E não faleceu outro, seu antepassado, da queda de um porco que montava? Ésquilo, advertido de que morreria da queda de uma casa, embora dormisse em um campo de trigo, foi esmagado por uma tartaruga caída das garras de uma águia. Houve quem sucumbisse em consequência de uma semente de uma engolida; outro, imperador, morreu de uma arranhadura feita com o pente; Emílio Lépidio em virtude de uma topada na porta de sua casa; Audídio por ter batido com a cabeça no batente da entrada da sala do conselho. E entre as coxas das mulheres: o pretor Conelio Galo, Tigelino, comandante da guerra de Roma, Ludovico, filho de Gui de Gonzaga, Marques de Mântua e, o que é um péssimo exemplo, Spensipo, filósofo platônico. E até um papa de nosso tempo. E o exemplo dos integrantes do grupo mamonas assassinas, que na década de 90 quando voltavam às suas residências depois de um grande show; cheios de vida, ainda bastante jovem, e em pleno sucesso foram arrebatados todos de uma só vez sem deixar nem herança.

Em todas as situações nos damos com a presença da morte e cada vez mais aumentam as nossas chances de morrer de uma forma ou de outra: nos tempos hodiernos verificamos um crescimento espantoso dos cancerosos, dos possuidores do vírus da AIDS por todo mundo, às guerras civis matam a cada dia centenas de pessoas

no Brasil, a violência aumenta de modo assustador. Segundo pesquisas elaboradas pela Organização das Nações Unidas (ONU), a cada sete segundos morre uma criança no mundo vítima da fome e da desnutrição.

Todos esses e tantos outros exemplos não citados aqui são situações que fazem com que o homem seja, aja constantemente como ser profundamente angustiado.

Jorge Trevisol nos oferece uma bela reflexão nesse campo da angústia, embora nossa reflexão não esteja sendo feita a partir de uma ótica religiosa, mas entendendo cristão como resultado e consequência de um ser profundamente humano; nos diz Trevisol que o cristão é um homem angustiado por excelência. Primeiro porque ele passa toda a sua vida na busca inquietante e desesperada de Deus e, de quando o encontra o seu mais profundo desejo é não mais deixá-lo fugir de si, de suas mãos, algo que não está em seu controle. Ele busca com todas as suas forças e energias mergulhar na infinitude do mistério de Deus e, com sua inteligência, conhece que o mesmo em si é um grande mistério e sabendo ser Deus mistério dos mistérios, seria ousadia demais conhecer de maneira total tamanho mistério. Mais a sua angústia aumenta exageradamente ao sentir-se inexplicadamente em paz, feliz, renascido e aí dá-se conta do tempo que perdeu sem buscar aquela fonte verdadeira de felicidade. E por fim, a angústia tende a aumentar à medida que ele vai tomando consciência da sua incapacidade de penetrar nas profundezas de Deus e em ter jogado fora tanto tempo e sua vida na ausência dessa luz, totalmente outra completamente aqui.

A humanidade nunca esteve tão avançada tecnicamente. Nunca se comunicou tanto e com tanta facilidade. Pela informática o mundo tornou-se pequeno, próximo da maioria das pessoas, com padrões e linguagem mais universais. Embora a desigualdade social tenha se acentuado, há maior possibilidade de pensar em iniciativas que favoreçam o bem-estar das pessoas ou das famílias. Mas nunca as pessoas estiveram tão longe umas das outras. O coração humano não foi levado em conta nos projetos de mudança do mundo social e técnico (TREVISOL, 2000, p. 15).

É evidente que não poderia, por inúmeros motivos, fazer uma reflexão completa no que diz respeito à angústia, mas o meu desejo e obrigação consistiria em provar que em hipótese alguma, há possibilidades de tratar-se da morte ignorando a angústia. Ela nasce também da grande contradição entre o maior dom que uma pessoa

pode ter – a vida e com ela a satisfação como um ser feliz e realizado- e a morte que o ameaça todos os seus planos de viver até enquanto quiser, ser infinito.

Herbert Auerbach (1892-1975) filósofo alemão, de origem judaica, estudou com Heidegger e Husserl, sendo emigrado inicialmente para a França e depois para os Estados Unidos (1942), onde foi professor na New School for Social Research de Nova York. Notabilizou-se sobretudo por suas reflexões sobre a situação do mundo atual e sobre as crises que marcaram essa época: crise da religião, crise da tradição filosófica e crise da autoridade política. Na filosofia política é importante sua análise da totalitarismo, que interpreta como resultado progressivo da luta de classes. "A condição humana é a sua obra mais importante" (Londres, 1966, p. 13).

Na noção de sua obra A condição humana Herbert Auerbach diz que "tudo é memória do mundo inteiro artificial de natureza e que permanece ali durante algumas semanas grandes em torno de tudo de modo que se pode observar a sua existência e movimento dos corpos celestes, sol, estrelas, planetas."

Não precisamos aqui fazer comentários nem sobre o que ele diz sobre a arte artificial e que foi quem o realizou, por quê, quais foram os resultados. Mas dizer que segundo o autor o mundo é como o mundo de hoje, que a natureza é extraordinária não foi total, mas o que realmente o mundo de hoje é que a natureza se volta para o alto e percebe, verifica e contempla o resultado de sua inteligência, não foi o orgulho nem o sentimento de grandeza da terra e da humanidade humanas. A razão imediata que poderia ser "uma expressão do mundo e da terra" foi o desejo de "ver o mundo" "para o homem de mente e para o homem de espírito". E isso é uma expressão do pensamento de um dos grandes da cultura da Europa: A humanidade não permanecerá para sempre presa a terra.

Este desejo profundo de a humanidade de ser condenado vem fazendo com que inúmeros cientistas no mundo inteiro gastem grande parte de seu tempo no estudo e na tentativa de descobrir meios para que a vida do homem possa ser eterna ou pelo menos durar até quando ele quiser, seja qual for a condição de vida que ele quiser. Este desejo inconsciente do homem de poder fugir da prisão terrena

FUNDAMENTAÇÃO DA MORTE SEGUNDO HANNAH ARENDT

Hannah Arendt. Antes de nos prolongar na temática veremos quem é Hannah Arendt nas palavras do próprio Danilo Mendes e Hilton Japiassú:

Hannah Arendt (1906-1975) filósofa alemã, de origem judaica, estudou com Heidegger e Jaspers, tendo emigrado inicialmente para a França e depois para os Estados Unidos (1941), onde foi professora na New School for Social Research de Nova York. Notabilizou-se sobretudo por suas reflexões sobre a situação do mundo atual e sobre as crises que marcam nossa época: crise da religião, crise da tradição filosófica e crise da autoridade política. Na filosofia política é importante sua análise do totalitarismo, que interpreta como resultante precisamente da crise de autoridade. "A condição humana é a sua obra mais importante" (JAPIASSÚ, 1996, p. 15).

Já no prólogo de sua obra *A condição humana* Hannah Arendt diz que feito à memória do primeiro satélite artificial ao universo e que permaneceu ali durante algumas semanas girando em torno da terra de acordo com as leis da gravitação que governam o movimento dos corpos celestes: sol, estrelas, planetas.

Não pretendo aqui, fazer comentário minucioso no que diz respeito a este satélite artificial: o que foi, quem o realizou, por quê, quais foram os resultados. Mas dizer que segundo a autora o curioso é que resta alegria de poder realizar obras extraordinárias não foi total, mas o que invadiram o coração daquela gente que agora podia se voltar para o alto e perceber, verificar e contemplar o resultado de sua inteligência, não foi o orgulho nem o assombro diante do tamanho da força e da proficiência humanas. A reação imediata, que poderia ser vista estampada no semblante daquela gente, foi o alívio ante o primeiro "passo para libertar o homem de sua prisão na terra". E isso já era reflexão do pensamento de um dos grandes cientistas da Rússia: A humanidade não permanecerá para sempre presa a terra".

Esse desejo profundo de o homem deixar de ser condicionado vem fazendo com que inúmeros cientistas no mundo inteiro gaste grande parte de seu tempo no estudo e na tentativa de descobrir meios para que a vida do homem possa ser eterna ou pelo menos consiga durar até enquanto ele mesmo julgue se valha ou não apenas ainda viver. Esse desejo incontrollável do homem de poder fugir da prisão terrena

percebe-se claramente na tentativa incessante de criar a vida proveta, no desejo e misturar, “sob o microscópio, o plasma seminal congelado de pessoas comprovadamente capazes a fim de produzir seres humanos superiores e alterar-lhes o tamanho, a forma e a função”, e talvez o desejo ardente de poder fugir da condição humana mais indubitável seja um dos principais motivos de prolongar a duração da vida pelo mínimo até os cem anos de idade.

Estamos, pois, mergulhados num discurso que é resultado de inúmeras palestras, conferencias, seminários, debates, pesquisas e estudos realizados em todo o mundo, desde os mais diversos estudiosos, cientistas ao leitor e estudante mais simples da atualidade. Não é a toa que hoje cresce exageradamente o número de academias, visando não apenas a saúde, mas, sobretudo tornar a máquina do corpo muito mais forte e resistente às doenças, são criados cursos na área da segurança alimentar com o intuito de oferecer uma alimentação mais sofisticada para um físico que precisa muito mais que o normal para poder fazer mais, os tratamentos da pele com banhos em banheiras repletas de leite, plásticas, lipoaspiração, mudanças para o campo na busca desenfreada de o homem poder viver mais. Tudo com o simples objetivo de poder vencer a própria força da natureza. A corrida contra a condição das condições humanas pode levar o homem moderno, sobretudo às práticas do absurdo. Essa mesma seria capaz de levá-lo à morte até mesmo antes do tempo “previsto”, como também a prejudicar a vida orgânica da terra. Essa doença transmissível que quer lutar contra a condição própria da existência humana torna-nos escravos indefesos da condição dos males criados por nós mesmos.

Hannah Arendt já finalizando o prólogo de “A condição humana”, proclama: “O que proponho nas páginas que se seguem é uma reconsideração da condição humana à luz de nossas mais novas experiências e nossos tremores mais recentes”. Aqui nos cabe uma indagação. E quais seriam os nossos tremores mais recentes ou desafios frente à nossa condição humana? Alguns deles não seria câncer, a AIDS, o orgulho como resultado de tantas guerras e genocídio, a fome, o terrorismo que deixa o mundo inteiro sob o medo e humilhação, a violência, o consumismo que está entre as maiores ameaças à humanidade, ainda a transgenicidade de nossos produtos facilitando, assim as mais variadas tipos de doenças? Na tentativa de talvez facilitar o

pensamento e reflexão, acrescenta Arendt “O que proponho, portanto, é muito mais simples: trata-se apenas de refletir sobre o que estamos fazendo”.

Na busca de aprofundar esta questão “passo para libertar o homem de sua prisão na terra”. A autora de *Entre o passado e futuro*, passa a tratar a gora a problemática da eternidade versus imortalidade no intuito de dar luz a essa condição das condições: a morte.

“Os homens de pensamento e os homens de ação começam a enveredar por caminhos diferentes”, isto é, desde a ascendência do pensamento político na escola socrática. Contudo, quando os filósofos descobriram que a esfera política não propiciava necessariamente as atividades superiores do homem, presumiram imediatamente não haverem descoberto algo novo além do que já sabia, mas terem encontrado um princípio superior capaz de substituir o princípio que governa a *polis*. A maneira mais fácil, embora um tanto superficial, de ilustrar esses entre imortalidade e eternidade.

A imortalidade consiste na continuidade do tempo, é a vida isenta da morte aqui nesta terra e realidade mudança, como foi concebida, à natureza e os deuses do Olímpio, segundo a concepção grega. Contra esses panos de fundo – “a vida perpétua da natureza e a vida divina, isenta da morte e de velhice – encontravam-se os homens mortais, os únicos mortais num universo imortal, mas não eterno, em cotejo com as vidas imortais dos seus deuses, mas não sob o domínio de um Deus eterno”.

Os gregos já experimentavam uma constante preocupação com o problema da imortalidade, e essa por sua vez é consequência de natureza imortal e de deuses imortais que, unidos circundavam as vidas pessoais de homens mortais. Incluída num contexto onde era Imortal, a mortalidade tem se tornado o principal emblema da vida humana. É interessante notar aqui, que mesmo sendo existencialista Hannah Arendt não trabalha a problemática da angustia neste contexto, mas ela está exatamente aqui na busca sem resultado ou poderia dizer sem sentido ou inalcançável de o ser humano poder isentar-se da iminência da morte.

Os homens são “os mortais”, as únicas coisas mortais que existem porque, ao contrário dos animais, esses não existem simplesmente como componente de uma espécie cuja vida imortal é assegurado pela procriação. A mortalidade do ser humano é originado no acontecimento de que a vida individual, com sua história vital-semelhante a que se inicia no nascimento e culmina na morte, surge na vida que conceituamos biológicas. E aqui Arendt nos oferece uma magnífica reflexão bastante original, quando diz que o que caracteriza a diferença dessa vida que ela chama individual (vida humana) de todas outras vidas (animal, vegetal) é pelo curso retilíneo do seu movimento que, por assim dizer, intercepta o movimento circular da vida biológica. Para nossa filósofa imortalidade é “mover-se ao longo de uma linha reta num universo em que tudo o que se move o faz sentido cíclico”.

É pela capacidade fundamental de produzir obras literárias, artísticas, feitos, palavras. Que os mortais se tornam grandes, famosos, em potências e portanto, imortais. Dizendo diferente, o meio mais idôneo ou único de os mortais pertencem de certo modo ao mundo dos imortais é realizar a tarefa de produzir alguma coisa. A exemplo disso temos em nossa realidade as academias estaduais ou nacionais de letras, onde o bem-aventurado que dela for convidado a participar por suas capacidades diversas ou nela for incluída por certos políticos, econômicos, sociais. Será “eternamente imortal” na linguagem tipicamente literal. Desse mesmo modo reza um ditado bastante antigo e digno de aqui ser lembrado, para dizer que o homem que alguma coisa produzir é digno de ser lembrado, amado, cultuado entre os seus. “O homem para ser feliz precisa ter um filho, plantar uma árvore e escrever um livro”. É por meio de suas artes e construções que o homem continua vivo na memória sagrado de um povo e por meio dela “os mortais passam a encontrar seu lugar num cosmo onde tudo é imortal exceto eles próprios”.

A realidade de poder ser único ser mortal num universo das imortalidades é duro demais para o ser mais perfeito entre os seres; é por isso que ele busca com toda a sua força investir num futuro que não será dele e “deixar atrás de si vestígios imorredouros”, para assim, atingir o seu tipo próprio de imortalidade e apresentarem sua natureza “divina”.

A autora de "As origens do totalitarismo" se empenha, agora em fazer uma distinção significativamente franca entre o ser homem e o se animal. Segundo ela essa diferença tem origem na própria espécie humana: apenas os melhores que ela vem chamar de (Aristoi), que sempre estão demonstrando ser de verdade os melhores (aristeuein), e que "preferem a fama de imortal às coisas mortais" são, de fato, humanos; enquanto os animais se contentam, diante dos minúsculos prazeres que a natureza lhes oferece ou reduzem todas as diversidades riquezas que a vida os entrega a meros hábitos ou prazeres: comer, beber, dormir... esses vivem e morrer idênticos aos animais.

Hannah Arendt vai dizer para nós numa linguagem política, se morrer é a mesma coisa que deixar de estar entre os homens: Politicamente falando, se morrer é o mesmo que deixar de estar entre os homens, à experiência do eterno é uma experiência de morte; a única coisa que a separa de a morte real PE que não é final porque nenhuma criatura viva pose suportá-la durante muito tempo. E é isto precisamente que separa a vida contemplativa da *vita activa* no pensamento medieval. No entanto, o fator decisivo é que a experiência do eterno, diferentemente da experiência do imortal, não corresponde a qualquer tipo de atividade nem pode ser convertida, visto que até mesmo a atividade do pensamento, que ocorre dentro de uma pessoa através de palavras, é obviamente não apenas inadequada para propiciar tal experiência, mas interromperia e poria a perder a própria experiência.

Jugo significativamente importante concluir esse assunto referente a morte com o que a mesma Hannah Arendt usou para falar dessa própria condição inocultável da vida humana: "A queda do Império Romano demonstrou claramente que nenhum obra de mãos humanas mortais pode ser imortal e foi acompanhada pela promoção de evangelho cristão, que pregava uma vida individual eterna, à posição de religião exclusiva da humanidade ocidental".

FUNDAMENTAÇÃO DA MORTE SEGUNDO JEAN PAUL SARTRE

Jean Paul Sartre. Aqui também antes de darmos prosseguimento na teoria e pensamento de Sartre faz-se necessário conhecermos um pouco de sua vida para posteriormente situarmos o seu pensamento.

Sartre (1905-1980) principal representante do chamado existencialismo francês, foi um dos pensadores mais famosos deste século, destacando-se não só como filósofo, mas como romancista, autor de peças teatrais de grande sucesso e militante político. Nasceu em Paris, onde estudou na Escola Normal Superior. Após um período de estudos de fenomenologia e da obra de Heidegger na Alemanha, foi professor de liceu em várias cidades do interior da França, militou na resistência francesa, tendo sido preso pelos alemães, em 1943 fundou a influente revista *les temps modernes*, passando a dedicar-se à atividade literária (JAPIASSÚ, 1996, p.241).

Acho mais necessário, antes de falar do que Sartre a respeito da morte, começar lembrando que ele está – como Hannah Arendt – na ala dos filósofos existencialistas ateus. O existencialismo é a filosofia contemporânea que se fundamenta na posição que “a existência precede a essência”. E essa existência tem como núcleo à liberdade do próprio homem. Isso quer dizer que já no nosso nascimento somos desamparados e largados na praça, exposto a qualquer perigo, isentos de apoio e sem qualquer tipo de referência a valores; daí somos nós mesmos os responsáveis primeiros, aos quais compete criar nossos próprios valores por meio da total liberdade que a nós foi conferida e de nossa liberdade. A liberdade é essência do homem, é isso que o autor de “O ser e o Nada” quer nos ensinar ao dizer que a “existência precede a essência”. “A liberdade do para-si aparece como seu ser”. Isso explica e justifica o por que de a filosofia existencialista ter como centro o homem e a existência. Através dela é valorizada e privilegiada a oposição e mediação entre a existência e a essência. Por isso diz Sartre: “O importante não é o que fizeram do homem, mas o que o homem faz do que fizeram dele”. Ele é aquilo que cada pessoa decidiu fazer de sua vida, seja no sentido físico, psicológico, social, comunitário que tem influencia sobre si próprio. Cada elemento é reconhecido, caracterizado, selado por aquilo que ele faz, é por isso que o cerne do existencialismo é, em última instância a liberdade.

Tendo contextualizado o ilustre Sartre, é, pois, o momento idôneo para expor a sua concepção em torno da morte. Não podemos, em hipótese alguma, falar da posição de Sartre frente à morte sem fazer alusão à questão da “nadificação”, do absurdo, da facticidade, da angústia e da náusea. Esses são conceitos notadamente usados por Sartre para expressar os seus sentimentos originados da morte.

Em se tratando de “nadificação”, Sartre confessa que a morte é aquilo que rouba de maneira tremendamente cruel todos os sentidos de nossa vida. A morte é a “nadificação” de nossos projetos; esclarecendo, seria a certeza irreversível de que um nada total está nos aguardando. É daqui que nosso filósofo chega a conclusão de que a morte é um absurdo e que, conseqüentemente a vida é uma “paixão inútil”. “Se nós temos de morrer, a nossa vida não tem sentido, porque os seus problemas não recebem qualquer solução e porque até a significação dos problemas permanece indeterminada”. É um absurdo ter a certeza de que sendo o homem animal, racional, mortal, este último condiciona todas as outras essências do homem. É inadmissível que sejamos de dia à noite, ininterruptamente observados, perseguidos, espionados, castigados por esta condição de nossa existência humana. Por isso não devemos nos surpreender de vermos um existencialista desiludido da vida. Para Sartre, a morte não passa de uma ilusão onde de um segundo para outro não sabemos quem somos, se existimos, para onde vamos, o que faremos. Estamos, pois diante do nada. Vale apenas viver se a vida é uma “paixão inútil”, pela qual podemos ser engolidos, arrebatados violentamente, a qualquer momento sem nada saber ao menos para onde vamos? Aliás, depois da morte não vamos para nenhum lugar mais porque com ela anulou-se tudo aquilo que fazia parte do itinerário da vida.

Em Sartre, o termo “facticidade” – designa aquilo que pertence à ordem do fato, sem necessidade nem razão, presença absurda e constatada: “minha facticidade, quer dizer, o fato de que as coisas estão aí, simplesmente como são, sem necessidade sem possibilidade de ser de outra forma”. Assim, minha consciência é chamada a aprender-se a si mesma como um simples “fato” (daí o nome facticidade), fato anterior e irreduzível a toda ideia de necessidade: ela é, em sua contingência, absurda, e as coisas estão aí sem necessidade, e eu entre elas. A morte é um fato que está aí e, independentemente da minha aceitação, crença, consciência dela, ela existe e é

condição imutável. Eu pobre homem é que estou no meio dela. Antes de eu existir ela já era e depois de eu não mais ser (se é que sou), ela continuará sendo.

Como já falei acima, que em se tratando, sobretudo do existencialismo seria impossível falar da morte sem fazer referência a angustia. Só pode ser compreensível conviver com o ser humano eternamente angustiado tendo em visita a situação de sofrimento, perseguição, dessa realidade instigante e do espetáculo da morte diante do seu único e maior bem – a vida. A angústia é a emoção mais marcante na vida de um simples carneiro, por exemplo, que, enquanto está precisando a faca sendo afinada e a água a ferver a espera de sua pele, se enfurece e tenta soltar-se das armadilhas da morte. Enquanto esse percebe no mesmo espaço o inimigo a rir de alegria por saber que não há outro caminho à sua presa poder isentar-se de suas garras ferozes. É, em suma, o mistério maior diante do qual se encontra o pobre homem que, desejando profundamente ser aquilo...dar-se conta ao mesmo tempo da impossibilidade de o ser. É a condição intermediária entre o seu desejo e poder ser aquilo que demasiado sonha.

Por último Sartre usa a expressão “náusea” para falar da experiência da morte, e essa diz respeito ao sentimento diante do real a partir do momento que se toma consciência de que ele é privado de razão de ser, absurdo. Este conceito de náusea também é usado por Sartre no romance do mesmo nome. “Roquetin, a personagem principal do romance, numa célebre passagem, ao olhar as raízes de um castanheiro, tem a impressão de existir à maneira de uma coisa, de um objeto, de estar- aí, como as coisas são. Tudo lhe surge como pura contingência, gratuitamente, sem sentido.

CONCLUSÃO

Assim como a palavra “Deus”, o termo “morte” é muito ambíguo; pode tomar sentidos extremamente diferentes, e mesmo contraditórios! Como tal é uma palavra “detestável” e responsável por boa parte das neuroses modernas. Mas é também uma palavra indispensável, pois designa- percebemos isso muito bem, ainda que tenhamos muita dificuldade para defini-la corretamente – uma palavra essencial!

É um absurdo notarmos que, nunca na história da humanidade, o ser humano teve tantos elementos, conteúdos, “armas” que o auxiliasse na tarefa da vida, assegurando-lhe um bem estar digno e necessário e a possibilidade de uma total realização de seus projetos mais latentes. Todas as ciências humanas – a filosofia, antropologia, economia, teologia, psicologia e a política justando-se à tecnologia avançadíssima e aos modernos meios de comunicação... têm sido pensado e programado para estar totalmente a serviço do conforto e realização humana e, no entanto, nunca se viu o homem num vazio existencialmente falando e fugindo sempre e continuamente das condições essenciais ou da realidade concreta do seu próprio ser: animalidade, racionalidade, mortalidade culminando-se numa verdadeira e profunda liberdade, a qual ele tanto anseia e que essa por sua vez, só se concretizará quando o homem como sujeito responsável por sua história resolver de uma vez por toda aceitar sua condição antes de tudo, de um ser mortal – como realidade essencial não apenas de sua vida, mas de todo ser que um dia nasceu. Em outros termos, o sentido da vida pode ser adquirido e determinado dependendo do modo como o homem encara sua realidade inalienável, inadiável e inevitável de um “ser-para-a- morte”.

Partindo dessa verdade tudo o que o homem realizar, programar ou almejar, o fará como sendo um ser condicionado, portanto, limitado, numa palavra, finito.

Não importa aqui – como mencionei acima- a posição que assumimos, que deixarmos de assumir ou de que agora em diante iremos adotar face às questões suscitadas pela morte, mas tão e somente ter a consciência e certeza de que como diz Hannah Arendt que o homem é um ser condicionado , continua Arendt , e o que o caracteriza essencialmente como ser mortal é: “Mover-se ao longo de uma linha reta num universo em que o que se move o faz num sentido cíclico”. Também o que contribui

significativamente para que ele possa ser um imortal num universo onde tudo é imortal como exceção dele próprio, é a capacidade de gerar, criar, algo, seja na linha da literatura, obras artísticas, família, projetos arquitetônicos, etc.

E, quanto a Sartre, este por sua vez concebe a morte como “nadificação”. Quando Sartre usa essa expressão quer mostrar com isso a dureza e o desafio de enfrentarmos a morte. Ora, é um absurdo de um instante para outro tudo seja transformado no nada. Todas as suas forças, energias, capacidades intelectuais, profissionais, afetivas juntamente com seus bens materiais sumirão, porque sendo ele aniquilado na sua totalidade, como ele nossos projetos quer mais uma vez nos alertar para a ilusão da vida, que é sucedida de um nada total que a espera inevitavelmente. A morte, é “facticidade” que está aí independentemente daquilo que somos e daquilo em que nos transformaremos. É fato que existe por si e o homem está aí entre ele e o que a morte o transformará.

Agora, partindo dessas realidades do ponto de vista existencialista, podemos chegar a algumas considerações em linhas gerais.

É inaceitável que, após o estudo de um trabalho ou tratado sobre a morte, seja qual for a pessoa; cristã, ateia, crente, materialista, umbandista, não possa deduzir a impossibilidade de que ele exista alguma coisa neste como (mundo) que seja mais certa, evidente e segura o quanto à morte. E dessa realidade ela deve encontrar maneira de conviver com a morte, como algo tão normal e natural igualmente o fato de um dia certa, evidente e segura como a morte, como algo tão normal e natural o fato de um dia ter nascido, se quiser viver serena e isenta de toda espécie de frustração e angústia.

Não precisamos falar ou estudar a morte para que ela exista. Sua presença é constante, absoluta e evidente. Ela independe de nossa atenção, aceitação ou desprezo, como de nossas concepções e entendimentos medíocres. Ela além dos talentos e necessidades que envolvem a nossa existência humana.

Basta falar que a morte faz parte de própria organização do universo, isto é, essência dessa, para antecipar o que poderia dizer ao longo de inúmeras páginas.

Metafisicamente falando, o que é, e não pode não ser. O que não é, não é e não pode ser. E se ela é, não vale apenas tentar refutá-la ou fazer com que ela não seja porque ela sempre continuará sendo própria da natureza, ate que exista vida.

Seja estranho ao ser racional independentemente da posição, sexo, religião, nação viver ou agir de modo inconsciente ou alheio diante da realidade da morte.

É maravilhoso – como certa vez disse Roberto Crema do Colégio Internacional dos Terapeutas – passar, como peregrinos sentados, pela ponte da existência. Saber cada passo é único, cada fadiga jamais se repetirá, cada repouso é sem igual. Saber que “não se toma banho duas vezes no mesmo rio” , não se ama duas vezes a mesma pessoa, não se sente duas vezes a batidas do mesmo coração. Tudo é passagem, tudo é mutante, tudo é fluxo...exceto o ser.

E, como já foi por varias vezes colocado, o tema da morte é soberano. Toda existência não passa de uma mera aventura fugaz que transcorre entre a primeira inalação e o suspiro final.

Não há outra saída, se pretendermos viver intensa e profundamente a vida, é necessário, como nunca, nos aproximarmos sempre mais daquela que é mais próxima de nós d que nós de nós mesmos. Enquanto estamos por aí a vagar, mergulhados nos nossos pensamentos solitários, voando como pássaros desocupados, ausentes de nossa realidade... a morte nos rodeia. “E a reflexão sobre ela, a outra face do nascimento, deveria fazer parte de nossos programas educacionais, desde o início de uma jornada escolar que se pretenda saudável e consciente”.

Finalmente, quero aproveitar para mostrar o que significa ou está significando esse trabalho para mim, declarando aqui que seria quase impossível partir à prática da morte – procurar aceitá-la, compreendê-la como realidade inseparável, conscientizar as pessoas diante de sua importância, começar a encará-la como algo tão natural o quanto à morte dos outros e as chances que nos levam constantemente a esta condição das condições humanas – sem o mínimo de conhecimento teórico. O estudo da morte me fez mudar de tal forma que me surpreendo a mim mesmo. Às vezes sem me dar conta estou falando sobre a morte, criticando pessoas que não querem colocá-

la na lista de seus assuntos íntimos e fundamentais. As loucuras que pensava em fazer frente à morte de meus pais, sobretudo, ou de um parente, amigo, já não faria mais hoje. Sinto que jamais iremos encontrar o real sentido da vida sem fazermos frente, darmos uma merecida importância a questão da morte. Assim como o contrário de amor não é o ódio, mas o medo, o contrario de vida não é a morte, mas a alienação, ignorância, inconsciência e negação dessa. Não devemos e nem tão pouco podemos falar ou pensar na vida, na ressurreição, em transcendência, em futuro, em Fe, em maturidade, em equilíbrio e em realidade sem trazermos presente a realidade das realidades, aliás, aquela que está presente a nós quando Mao estamos presente a nós mesmos - aquela que esta no âmago de todo ser humano.

BIBLIOGRAFIAS

ABANANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 4ª Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.

ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Editora Universitária de São Paulo, 1981.

BAYARD, Jean- Pierre. Sentido oculto dos ritos mortuários – morrer é morrer? 1ª Ed. São Paulo: Paulus, 1996.

BRUGGER, Walter. Dicionário de Filosofia. 2ª Ed. São Paulo: Heder, 1969.

BOFF, Leonardo. Vida para além da morte. Petrópolis RJ: Vozes, 1973.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo. Ática, 2002.

GILES, Thomas Ransom. História do existencialismo e da fenomenologia. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

HEIDEGGER, Martin. Os pensadores. São Paulo. Abril cultural, 1976.

HENNEZEL, Marie & LELOUP, Jean-Yves. A arte de morrer. Petrópolis RJ: Vozes, 2004.

JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. Dicionário básico de Filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JOLIVET, Régis. Sartre ou a Teologia do absurdo. São Paulo: Editora Herder, 1968.

LELOUP, Jean - Yves. Além da luz e da sombra: sobre o viver, o mover e o ser. Petrópolis RJ: vozes, 2002.

MERLEAU-Ponty, Maurice. Os pensadores. São Paulo: Abril cultural, 1980.

MONDIN, Battista. O homem, quem é ele. Elementos de Antropologia filosófica. São Paulo: Paulus, 1980.

MONTAIGNE, Michel Eyquem de. Os pensadores. São Paulo, Abril cultural, 1996.

PLATÃO. os diálogos: Fédon, Sofista. Político II. Rio de Janeiro: Edições de ouros, 1980.

ROVIGHI, Sofia Vanni. História da filosofia contemporânea – do século XIX à neo-escolástica. São Paulo: Loyola, 2001.

SARTRE, Jean Paul. Os pensadores. São Paulo: Abril cultural, 1978.

SHOPENHAUER, Arthur. Os pensadores. São Paulo: Abril cultural, 1980.

SELVAGGI, Filippo. Filosofia do mundo. São Paulo. Loyola, 2001

SPERDER, Monique Canto. Dicionário de ética. Rio Grande do Sul: Usinas, 2003.

TREVISOL, Jorge. Amor, mística e angústia- mistérios inevitáveis da vida humana. São Paulo. Paulinas, 2000.

WW.AA. Os filósofos através dos textos: de Platão a Sartre. São Paulo: Paulus, 1997.

ULLMANN, Reinaldo Aloysio. Antropologia: o homem e a cultura. Petrópolis- RJ: 1991.